

CARMEN E A BELEZA MEDUSEIA: Sedução “Além do Princípio do Prazer”

Adriano Ricardo da Silva Addams

Mestre em Teoria da Literatura (UFPE); Coordenador de Currículo do Município de Caruaru-PE.

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Doutor em Literatura e Cultura pela UFPB.

Docente Associado 3 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV-Mamanguape) e do PPGL-UFPB(Campus I-João Pessoa).

RESUMO

O seguinte trabalho propõe seguir o roteiro freudiano no que se refere à relação Literatura e Psicanálise, compreendendo o mito como um dos recursos à compreensão e análise dos mecanismos psíquicos a partir do que nos fornece o texto literário. Assim promovemos um diálogo entre o texto Carmen, de Mérimée, com o Mito da Górgona Medusa, em busca de explorar esses mecanismos psíquicos acionados pela paixão, desejo e culpa, do “feio” enquanto “belo” nas relações com o princípio do prazer e o princípio da realidade (FREUD, 1920) face à reparação (KLEIN, 1945) e suas formas. É, mais uma vez, a Literatura relendo a Psicanálise, ao tempo que se deixa desvelar por meio do diálogo com o mito enquanto leitura interpretativa do inconsciente humano, via experiência estética do texto literário.

Palavras chave: Mito. Literatura. Psicanálise. Experiência Estética.

CARMEN AND MEDUSEAN BEAUTY: Seduction “Beyond the Pleasure Principle”

ABSTRACT

This paper proposes to follow the Freudian script regarding the relationship between Literature and Psychoanalysis, understanding myth as one of the resources for understanding and analyzing psychic mechanisms based on what the literary text provides us. Thus, we promote a dialogue between Mérimée's text Carmen and the Myth of the Gorgon Medusa, seeking to explore these psychic mechanisms triggered by passion, desire and guilt, of the “ugly” as “beautiful” in relations with the pleasure principle and the reality principle (FREUD, 1920) in the face of reparation (KLEIN, 1945) and its forms. It is, once again, Literature rereading Psychoanalysis, while allowing itself to be revealed through dialogue with myth as an interpretative reading of the human unconscious, via the aesthetic experience of the literary text.

Keywords: Myth. Literature. Psychoanalysis. Aesthetic Experience.

CARMEN Y BELLEZA MEDUSEANA: Seducción “Más Allá del Principio del Placer”

RESUMEN

El siguiente trabajo propone seguir el guión freudiano en relación a la relación entre

Literatura y Psicoanálisis, entendiendo el mito como uno de los recursos para comprender y analizar los mecanismos psíquicos a partir de lo que nos brinda el texto literario. Así, promovemos un diálogo entre el texto Carmen, de Mérimée, y el Mito de la Gorgona Medusa, buscando explorar estos mecanismos psíquicos desencadenados por la pasión, el deseo y la culpa, de lo “feo” como “bello” en relaciones con el principio del placer y el principio de realidad (FREUD, 1920) frente a la reparación (KLEIN, 1945) y sus formas. Se trata, una vez más, de una relectura de la Literatura al Psicoanálisis, dejándose revelar a través del diálogo con el mito como lectura interpretativa del inconsciente humano, a través de la experiencia estética del texto literario.

Palabras clave: Mito. Literatura. Psicoanálisis. Experiencia Estética.

MITO, LITERATURA E PSICANÁLISE

Não é de hoje que o mito tem ocupado espaço de alta relevância aos estudos da Psicanálise. Ao explorar a narrativa de Édipo Rei, de Sófocles, Freud (1920) nos apresenta sua principal teoria psicanalítica, atual até os dias de hoje, o Complexo de Édipo. É certo que o texto de Sófocles é uma tragédia grega e que a relação de Édipo e Jocasta não passa de um “como se” Iser (1983), mas é esse como se que possibilita o forjar de uma teoria que vai contribuir para entender o desenvolvimento psíquico do ser humano. Essa forma de construir teoria manifesta no percurso freudiano, nos leva a entender a importância do mito nos estudos psicanalíticos, porém, chama a atenção para outro aspecto importante, a relação Literatura/Psicanálise/Literatura. Optamos por tratar dessa forma triádica, porque compreendemos que se trata de uma relação intercalada. A Psicanálise não pode reduzir a Literatura a aplicação de teorias, bem como a Literatura não pode engessar a Psicanálise à experiência estética. É uma relação constituída de idas e vindas, na qual uma fornece elementos a outra, de modo a criar uma experiência desveladora de conceitos e produtora de novas compreensões.

Freud trabalhou na perspectiva da Literatura Aplicada. Ele partiu da experiência estética, para ler os mecanismos psíquicos, isso fica evidente não só a partir da sua relação com a narrativa mítica, mas também com a leitura de outros textos, como por exemplo a narrativa de “Memórias de um doente dos nervos”, a partir da qual ele produz o seu famoso texto “O caso Schreber” para tratar das psicoses.

O que propomos aqui, seguindo esse roteiro freudiano, é promover um diálogo entre o texto Carmen, de Mérimée, com o Mito da Górgona Medusa, em busca de explorar certos

mecanismos psíquicos acionados a partir da paixão, do desejo, da culpa, do “feio” enquanto “belo” nas relações com o princípio do prazer e o princípio da realidade (FREUD, 1920) face à reparação (KLEIN, 1945) e suas formas.

No entanto, é preciso destacar que esse caminho se constrói a partir da nossa experiência estética da leitura de tais narrativas e propõe uma interpretação que possibilita compreender as emoções inerentes ao suposto inferno/paraíso que é estar apaixonado. Assim, o foco será a relação Carmen – Dom José (MÉRIMÉE, 2015), em especial o poder hipnótico que a cigana exerce sobre ele, bem como sobre outros homens e como isso o afeta, causando-lhe prazer e sofrimento e como a Literatura dá as cartas à Psicanálise ao abrir novos caminhos para a compreensão de seus conceitos.

MEDUSA E A BELEZA MEDUSEIA

Mário Praz (1996) é quem nos conduz neste percurso, segundo ele:

[...]nenhum quadro impressionou mais profundamente mais o espírito de Shelley que a Medusa, em certo tempo atribuída a Leonardo e agora a um desconhecido flamengo, que ele viu na galeria degli Uffizi no final do ano de 1819.

Shelley faz uma leitura do quadro e escreve:

Jaz, fixando o céu noturno, supina sobre o enevoadado cume de um monte; embaixo, há um tremular de terras distantes. O seu horror e a sua beleza são embaixo, há um tremular de terras distantes. O seu horror e sua beleza são divinos. Sobre seus lábios e suas pálpebras pousa a formosura como uma sombra: irradiam dela, ardentes e embaciadas, as agonias da angústia e da morte, se debatem.

Não é tanto o horror, mas a graça a empedrar o espírito do observador, sobre quem se cinzelam os lineamentos daquela face morta, até que os seus caracteres penetram-lhe, e o pensamento se turva; é a melodiosa tinta da beleza, sobreposta às trevas e ao esplendor da punição, que torna humana e harmoniosa impressão. (SHELLEY, apud. PRAZ, Mário, p.43, 1996)

Aos olhos de Shelley, Medusa congrega tudo o que supostamente seria inerente ao belo: o sombrio, o mistério, o que seduz e ao mesmo tempo assusta. Aquilo que nos dá prazer e ao mesmo tempo congela, nos petrifica. Podemos depreender, a partir de sua experiência estética com o quadro, que Medusa seguiu o seu propósito originado do mito, encantar e empedrar.

É dessa beleza que falamos, quando aproximamos Carmen de Mérimée à Medusa. O poder que a cigana exerce sobre os homens remete à magia da górgona. Tal como Medusa, Carmen fisga seus amantes pelos olhos.

Na mitologia grega Medusa é uma das três górgonas filhas de divindades marinhas, Fórcis e sua irmã Ceto, monstros ctônicos de um mundo arcaico. Dentre as irmãs Medusa, Esteno e Euriale, ela era a única mortal. É comum, ao ouvirmos o nome Medusa associarmos este à uma criatura monstruosa dos cabelos de cobra, que, por sua aparência terrível, transforma quem a olha em pedra. Contudo, o poeta romano Ovídio, numa versão posterior ao mito, nos apresenta Medusa como uma linda moça, cuja beleza encantava seres mortais e imortais.

Segundo o poeta, ela julgava-se mais bela que a própria Athena e orgulhava-se de seus cabelos. Certo dia manteve relações sexuais com Poseidon, o senhor dos mares, e em seguida foi ao templo da deusa e nada mencionou acerca do acontecido. Enfurecida, Athena transforma os cabelos de Medusa em serpentes e converte a face da moça em uma coisa tão horrenda, que, assim como diz o mito grego, converte qualquer criatura que a olhar em pedra.

É essa “beleza” horrenda que nos chama atenção. Assim como Shelley, experimentamos a agonia de estar diante do belo que empedra, da beleza monstruosa que seduz e encanta ao ponto de ficarmos paralisado e compormos o jardim de criaturas de pedra da Medusa. Isso nos possibilita compreender que o belo e o feio se misturam quando o assunto é sedução. O feio, supostamente, é a possibilidade de catarse perante o belo, assim como o que é belo para alguém poder ser feio para o outro e vice-versa. É aqui que reside a beleza meduseia; a beleza horrenda que provoca curiosidade e enche o seu jardim de estátuas de pedra, aquelas/es criaturas/seres que se deixaram seduzir pela beleza monstruosa da górgona e pagaram o preço pela busca da manutenção do princípio do prazer barrado pelo princípio da realidade. É assim que a beleza meduseia funciona. Teoricamente, o olhar da Medusa equivale ao princípio da realidade, assim como a postura, o olhar e as atitudes de Carmen também o são.

Carmen relê Medusa e nos é apresentada como a beleza que seduz ao tempo que carrega, por trás, algo cruel e monstruoso tão sedutor quanto seus grandes olhos negros e oblíquos, petrificantes como os da górgona.

CARMEN “É” MEDUSA

Eis que Dom José nos apresenta la Carmencita, a górgona em forma de cigana:

[...] Vi aquela Carmen que o senhor conhece e em cuja casa o encontrei há alguns meses.

Tinha uma saia vermelha muito curta, que deixava ver meias de seda branca com mais de um furo e pequenos sapatos marroquin vermelho, atados com fita cor de fogo. (MÉRIMÉE, ..., p. 404)

Aqui nós somos apresentados a Carmen, a cigana que conduz a narrativa de Dom José e que nos permite invocar a górgona. Na sequência do texto nos deparamos com a seguinte fala de Dom José em relação à Carmen:

[...] Não sabia onde meter-me, permanecia imóvel como uma estátua. Quando ela entrou na manufatura, vi a flor de cássia que me tombara entre os pés; não sei o que me deu, mas apanhei-a sem que meus camaradas o percebessem e guardei-a preciosamente no casaco. Primeira tolice! (MÉRIMÉE, ..., p. 405)

Aqui é selado o pacto passional com a cigana "górgona". Mais uma criatura é petrificada para o jardim de desejos ardentes de passionais de Carmen. Tal como Medusa, a cigana constrói o seu próprio jardim de empedrados, aqueles que não conseguem resistir ao seu olhar de cigana "oblíqua". Feiticeira, o 'diabo' em forma de mulher.

O interessante é que a própria Carmen deixa claro o tempo todo que ela não pertence a ninguém, é livre como um pássaro rebelde. No entanto, Dom José segue na luta pela manutenção do princípio do prazer, acreditando que em algum momento *la Carmencita* seria apenas dele. Ledo engano! A cigana e sua vida livre impõem à Dom José o princípio da realidade, assim como fazem os olhos da Medusa aos que se aventuram olhar para ela.

A PAIXÃO COMO PRINCÍPIO DO PRAZER

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

Camões

Antes de retomarmos a relação Carmen/Medusa, convidamos Freud para discorrer sobre o "Princípio do prazer". Para ele:

Na teoria da Psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com a evitação do desprazer ou uma produção do prazer. (FREUD, 1920, p. 17)

Ao nos apresentar o que chama de “princípio do prazer”, Freud nos leva a compreender que é da natureza do aparelho psíquico buscar formas de evitar emoções desagradáveis. Nesse percurso, há uma tentativa permanente de fuga do que nos causa desprazer, uma tentativa de se viver apenas aquilo que nos possibilita burlar as tensões que nos causam sofrimento. Em síntese, o ser humano sempre busca maneiras e ‘objetos’ que supostamente mantêm o princípio do prazer.

É isso que Dom José vê em Carmen ao se deparar com ela pela primeira vez. A cigana desconstrói a imagem das mulheres que ele estava acostumado a ver em sua terra natal, o seduzindo com seu jeito despojado, atrevido e independente. Ela representa a mistura do que assusta e atrai, do que desperta curiosidade, ao tempo que mete medo, tal como a Medusa.

É essa mistura que causa prazer em Dom José. Mesmo o prazer sendo atravessado pelo princípio da realidade, não impede o gozo de Dom José com o medo e a certeza inconsciente de que ao encontrar Carmen, encontrou o ‘diabo’ manifesto na forma de uma mulher.

CARMEN "É" O PRINCÍPIO DA REALIDADE

Na narrativa de Mérimée, Carmen congrega, para Dom José, tudo aquilo que é bom e mau, o que causa prazer e dor. A cigana é o objeto de desejo do militar, que se perde por completo quando está perto dela. Isso é o que é curioso. De certo modo ele sabe que não pode tê-la por completo, mas alimenta a expectativa de possuí-la, quando, na verdade, é ela que o possui.

Assim como a Medusa, Carmen determina o destino dos que se renderem aos seus encantos. É o empedramento metaforizado pelo poder de sedução da cigana. Ela tem consciência disso e deixa claro o tempo inteiro:

[...] Tu encontrastes o diabo, sim, ele nem sempre é negro e não te torceu o pescoço. Estou vestida de lã, mas não sou carneiro. Vai acender uma vela a tua *majari*³ ela bem que mereceu. Adeus outra vez. Não penses mais na Carmencita, ou ela te fará desposar uma viúva de perna de pau. (MÉRIMÉE, 2015, p.413)

Pois é, la Carmencita não esconde de Dom José o poder de 'empedrar' os homens. É ele quem opta por não ver. Seria o que poderíamos qualificar como uma cegueira inconsciente. Mas, não é isso o que a paixão faz? Torna-nos obsessivos, dependentes, incapazes de viver longe do nosso objeto de prazer, do fogo que aquece as nossas almas e nos leva a atitudes inexplicáveis. Dom

José é o homem criado em uma sociedade em que se tinha meninas de tranças e saias azuis colegiais como modelo de mulher a serem amadas e se depara com uma moça usando vermelho, saias curtas, meias rasgadas e agindo de maneira natural e despojada, "descarada como uma verdadeira cigana, que era" (MÉRIMÉE, 2015, p. 404)

Carmen é o "princípio da realidade" (FREUD, 1920) que não nega o "princípio do prazer" (FREUD, 1920) que apela para uma constância, para uma manutenção do que nos tira do sofrimento, enquanto que aquele nos barra, nos castra, adia o prazer. E assim é Carmen/Medusa, figuras que assustam e seduzem, atraem e causam empedramento. Enquanto representações do princípio da realidade, elas não negam a intenção fundamental de manter o prazer, mas sinalizam para a necessidade de preservação do Ego e por isso levam ao suportar do desprazer como mecanismo de manutenção dos caminhos do prazer.

Dom José sabe do perigo que Carmen representa: "Tu és o diabo"(MÉRIMÉE, 2015, p. 419), assim se referia à cigana. Contudo, alimenta a pseudo esperança de estar enganado. Ele é o assujeitado da paixão, do que vê mas não enxerga, o que se implica inconscientemente e que quando se dá conta sofre, mas não desiste da falsa crença numa mudança de Carmen. O fato da cigana afirmar que o ama: "[...] Eu devo amarte mesmo, apesar de tudo, pois desde que me deixaste, não sei o que é que tenho. Vejamos, agora sou eu que te pergunto se queres ir à rua do Candilejo." (MÉRIMÉE, 2015, p. 415), faz com que Dom José enxergue nela a felicidade, a realização do desejo, o princípio do prazer. Porém, em outro momento ela diz: "[...] desde que é meu *rom*, eu te amo menos do que quando eras meu *michorrô*? O que eu quero é ser livre e fazer o que me aprouver. (MÉRIMÉE, 2015, p. 426). É o princípio da realidade atuando. Ao tempo que ela não deixa de ser o objeto de desejo, o que representa a manutenção do prazer, ela causa sofrimento, ela adia o prazer com sua honestidade brutal. Ela desperta a necessidade urgente de reparação (KLEIN, 1945)

Segundo Klein (1945) a reparação acontece quando nos damos conta das nossas implicações, quando temos consciência do erro e buscamos formas de conviver com esse, porém procurando não cometê-lo novamente e reparando os danos por ele deixado. Tudo isso sem evitar o sofrimento causado por essa consciência. Pelo menos é o que se espera, mas, nem sempre é assim que as coisas acontecem. Há quem apele para a reparação como algo que evite o sofrimento, na tentativa de sempre se sentir pleno e bom. Aqui, a reparação torna-se uma mania que tem seus intuitos fracassados sempre, pois nunca cumprirá o seu verdadeiro papel, causando

ainda mais sofrimento e, por sua vez, despertando a necessidade constante de reparação como mecanismo capaz de evitar a dor, só que, na verdade, causa mais dor. Vejamos, em seguida, como isso nos é apresentado na narrativa de Carmen e suas relações com a Medusa.

SOFRIMENTO E REPARAÇÃO

Previamente convidamos Klein (1945) para discorrermos um pouco sobre a reparação e suas nuances e trouxemos o conceito de reparação maníaca como mecanismo equivocado da manutenção do prazer. E por que destacamos isso? Bom, aqui, a ideia destacar como a relação Dom José/ Carmen é atravessada por essa reparação maníaca e as consequências dessa atitude diante do princípio da realidade.

Como mencionamos anteriormente, a reparação maníaca nos leva a atitudes equivocadas, à negação da necessidade do sofrimento para a nossa evolução. É uma tentativa de burlar a ação do Superego. Contudo, exceto em casos de Psicose, quando há forclusão, ou Perversão, em que a personalidade narcísica é a marca principal, essa tentativa fracassa.

Dom José nos remete à condição neurótica do ser humano. Em momento nenhum ele rompe com a realidade. Por mais que ele fantasie uma relação de amor perfeita com Carmen, ele não cria um mundo paralelo, ele não nega a possibilidade de fracasso dos seus planos.

Carmen, em momento nenhum finge ser o que não é. Ela passa o tempo todo testando os limites de Dom José. Ela é extremamente narcísica e manipuladora, uma "perversa". Ela não busca estabilidade, a incerteza é o seu alimento e o risco de morrer o seu maior prazer. Ela não teme as consequências dos seus atos, ela vive do perigo. Ela é o oposto de Dom José.

A relação Carmen/ Dom José é um exemplo de paixão explosiva e infernal. Sendo Carmen o diabo em pessoa: "[...] aquele diabo de rapariga" (MÉRIMÉE, 2015, p. 416). Como cigana, ela dá as cartas o tempo todo. Sendo diabo, ela é a própria tentação. É a Medusa que assusta/seduz e empedra quem olha para ela; é quem causa dor e alívio ao mesmo tempo. É o princípio da realidade na manutenção do princípio do prazer; é quem ameaça a preservação Ego mas não a impede.

Essa atitude de Carmen não a levaria a outro caminho que não fosse à uma morte trágica e ela,

de certa forma, tinha essa certeza, sobretudo depois que conheceu Dom José, mas isso não a metia medo. "Eu sempre acreditei que haverias de matar-me" MÉRIMÉE, 2015, p. 428). Diz Carmen a Dom José. É a sensação de perigo que é a "pulsão de vida" da cigana. Qualquer coisa que represente estabilidade ou calma, para ela, é "pulsão de morte". Ela é o oposto do "normal", das moças de tranças e saias colegiais azuis, da terra natal de Dom José, como já mencionamos antes.

Carmem é vermelha como sangue, ardente como fogo, perigosa como uma serpente, misteriosa como a Medusa.

MORTE E REPARAÇÃO

Retomando o mito da Medusa, lembramos do fim que é impelido à Górgona. Não bastasse a maldição da qual foi vítima por causa da sua beleza, ela acaba sendo decapitada por Perseu e sua cabeça usada como símbolo de proteção, uma vez que mesmo separada do corpo mantém o poder de empedramento. A cabeça da Medusa representa a lembrança do “medo” e da curiosidade que ela despertava quando a górgona estava viva.

Fazendo uma ponte entre a o desfecho da vida de Medusa com a de Carmen, encontramos mais pontos em comum:

Feri-a duas vezes. Era a faca do Caolho, com que eu ficara, pois a minha se havia quebrado. Ela tombou ao segundo golpe, sem um grito. Creio ainda ver os seus grandes olhos negros fixos em mim; depois se anuviaram e fecharam-se. Fiquei aniquilado uma hora inteira diante daquele cadáver. (MÉRIMÉE, 2015, p. 430)

Dom José, assim como Perseu matou Medusa, mata Carmen. O herói clássico tira a vida da górgona sem olhar para ela, evitando, assim, o seu empedramento. Dom José comete o erro de olhar nos olhos de Carmen e é empedrado, não nos termos da narrativa clássica do mito da medusa, mas psiquicamente. Ao rememorar os grandes olhos da cigana fixos nele, o anti-herói de Mérimée admite o seu empedramento, sua aniquilação diante do cadáver de Carmen. Não foi apenas ela que morreu, mas ele também.

Ao matar Carmen, Dom José tenta reparar as dores vividas por conta de sua paixão pela Cigana, os crimes que cometeu em nome dela, porém, o que ocorre é o aumento da dor, do sofrimento pois se antes o seu maior objeto de desejo parecia ser inalcançável, agora, passa a ser inatingível.

A reparação, de certo modo, fracassa. É certo que, como nos diz Klein (1945), a dor é necessária à evolução do sujeito, mas essa precisa ser reparadora e não maníaca. Dom José, matar Carmen, cai no erro da reparação maníaca, aquela que, equivocadamente, é usada para evitar o sofrimento. É o assassinato do seio mau, pois é preciso castigá-lo já que ele não chega para matar fome, porém logo se percebe que ele também é o seio bom. Essa constatação causa mais sofrimento pois vem carregada de culpa. No processo evolutivo, esse sentimento nos leva ao amadurecimento, pois tudo não passa de uma grande metáfora, porém, no caso Dom José/ Carmen a atitude passional e desesperada vem carregada de uma culpa real, pois o assassinato não é simbólico e sim real. Ousamos dizer que Mérimée (2015) nos leva refletir acerca da reparação (KLEIN, 1945) e do princípio da realidade (FREUD, 1920). O texto literário, ao selecionar, combinar e apresentar a ficção “como se” (ISER, 1983) fosse realidade possibilita o diálogo entre a Literatura e a Psicanálise e a ampliação do debate de seus conceitos.

CONSIDERAÇÕES

Trabalhar com Literatura e Psicanálise é um desafio, uma vez que sempre correremos o risco de cair na “tentação” de psicanalisar o texto, preenchendo suas lacunas com aquilo que diz de nós, dos nossos desejos, das nossas faltas. Contudo, se seguirmos o caminho iniciado por Freud e compreendermos que, sobretudo no trabalho da crítica, o texto literário é quem dá o tom.

A Psicanálise, enquanto proposta teórica, nos apresenta uma série de conceitos que falam das estruturas do aparelho psíquico e todos os elementos que o sustentam. Id, ego, superego, inconsciente, imaginário, real, simbólico são termos abrem um vasto leque de possibilidades em uma leitura literária, porém só terão sentido se compreendidos à luz do texto estético, como se esse fornecesse algo novo à dureza do conceito teórico.

No nosso caso, provocamos um diálogo entre Freud e Melanie Klein, e fizemos um recorte das suas teorias para contemplar os conceitos de “Amor, culpa e reparação”, termos que dão nome a uma de suas obras, dialogando com a misteriosa beleza meduseia, de Mário Praz, face a compreensão de Carmen como Medusa, visto que ambas representam figuras femininas envoltas em mistérios, magia e sombras. São mortais e isso as aproxima ainda mais, assim como suas mortes representam libertações.

Ao matar Carmen, Dom José, supostamente, se vê livre daquela que o empedrava, que o

dominava. Supostamente porque o olhar da cigana no momento da morte será a maior lembrança que irá carregar, ele ficou empedrado ali. Carmen, assim como a cabeça da medusa e os seus olhos empedradores, continuará no íntimo de Dom José, lembrando-lhe que não passa de um criminoso, que não alcançou os seus intuitos.

Carmen, Dom José, Medusa são signos míticos e literários que adentram a literatura e fornecem à psicanálise alimento ao repensar das relações à luz do que o imaginário do pensamento clássico nos abre caminho para “entender” a suposta lógica das paixões. Isso abre um amplo debate e a ideia aqui é essa, provocar.

Assim, o que pretendemos com esse estudo é acrescentar mais a relação Literatura e Psicanálise, sobretudo destacando a ideia tão bem defendida por Pierre Bayard, a Literatura Aplicada, pois não se trata de reduzir o texto literário aos conceitos da Psicanálise, mas, a partir dele, ler esses conceitos e desbravar novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. (1920-1922)** Rio de Janeiro: Imago, 1996

ISER, Wolfgang. **Problemas da teoria da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chaves da época.** Trad. Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes.** 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. Vol II.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945).** Rio de Janeiro: Imago, 1996

LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MÉRIMÉE, Prosper. **Carmen e outras histórias: novelas e contos completos; tradução Mário Quintana.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

PRAZ, Mário. **A carne, a morte e o diabo na Literatura Romântica.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996